

# PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS NEGRAS MILITANTES DO GRUPO TEZ: LUTA E RESISTÊNCIA DECOLONIAL

Simone Ferreira Soares dos Santos<sup>1</sup>  
José Licínio Backes<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo mostrar a resistência e a luta de professoras negras no combate ao racismo na universidade, ainda majoritariamente branca, e pela ocupação e decolonização deste espaço de construção do conhecimento. O artigo pauta-se no campo dos estudos étnico-raciais, questionando tanto o racismo quanto o sexismo. Os dados foram obtidos pela realização de entrevistas semiestruturadas com professoras universitárias negras que atuam em universidades públicas. A análise mostrou que a presença das mulheres negras na docência universitária tem sido fundamental para combater o racismo e construir outros conhecimentos, fortalecendo a luta das mulheres negras pela educação antirracista.

**Palavra-chave:** Professoras negras; Universidade; Militância; Racismo.

## BLACK FEMALE PROFESSORS MILITATING IN TEZ GROUP: DECOLONIAL STRUGGLE AND RESISTANCE

**Abstract:** This paper aims to point out the resistance and struggle of black female professors to combat racism in the university, which is still mostly white, for the occupation and decolonization of this place of construction of knowledge. The paper is grounded on the field of ethnical-racial studies and questions both racism and sexism. Data were obtained from semi-structured interviews with black female professors that teach in public universities. The analysis has shown that the presence of black women on the faculty has been fundamental to fight racism and construct different knowledges, thus strengthening the fight of black women for anti-racist education.

**Keywords:** Black female professors; University; Militancy; Racism.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A militância das mulheres negras tem possibilitado outros olhares sobre as histórias silenciadas em nossa sociedade. Ao fazerem-se presentes como professoras em um espaço hegemonicamente branco, como a docência universitária, mostram, por meio de suas histórias de luta e resistência, que são capazes de produzir conhecimentos, questionando a hegemonia eurocêntrica, marcada pela colonialidade. A colonialidade como destaca Quijano (2005) significa que o padrão de poder baseado na raça, instituído no período colonial,

---

<sup>1</sup> Universidade Católica Dom Bosco ([simone555@hotmail.com](mailto:simone555@hotmail.com))

<sup>2</sup> Universidade Católica Dom Bosco ([backes@ucdb.br](mailto:backes@ucdb.br))

se manteve após o fim deste, e se atualiza constantemente até os dias atuais. Esse padrão de poder, como destaca Santos (2008), inclui também o patriarcado. As professoras citadas nesse artigo atuam em Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu de Educação, desenvolvem projetos de pesquisas no campo das relações étnico-raciais, orientam alunos de Iniciação Científica, Trabalhos de Conclusão de Curso, Especialização, Mestrado e Doutorado, também no campo das relações étnico-raciais, portanto, estão efetivamente produzindo conhecimentos decoloniais, isto é, conhecimentos que questionam a lógica ocidental como a única capaz de produzir conhecimento científico. Considerando uma concepção crítica de prática didático-pedagógica, isto é, não reduzida ao ensino de um determinado conteúdo, mas que inclui a forma de ser/estar/relacionar-se, pode-se dizer que as falas trazidas e analisadas nesse artigo, são expressão de uma prática didático-pedagógica decolonial. É decolonial porque não segue a lógica ocidental sexista/racista que desqualifica as outras lógicas, sobretudo, a lógica da matriz africana. Assim, dizer que a luta e a resistência é decolonial, significa reconhecer que há várias formas de viver/ser/estar no mundo e que apesar do histórico de imposição do modelo ocidental como único, continuam existindo outras formas e as professoras universitárias negras são uma expressão viva e potente de resistência. Resistência não somente no sentido de não se dobrar a lógica ocidental, mas sobretudo, de continuar lutando pelo reconhecimento e legitimidade da matriz histórica e cultural africana e de não aceitar o racismo e a discriminação.

O espaço universitário que produz conhecimentos válidos tende a excluir, apagar, negar e invisibilizar a intelectualidade negra, uma vez que se pauta na suposta superioridade epistêmica ocidental/branca/colonial. Quando se trata de uma mulher negra, a negação torna-se ainda maior, o que reforça a necessidade de luta e resistência permanentes. Essa luta e resistência no espaço universitário tornaram-se mais frequentes a partir dos anos de 1990. A militância das mulheres negras fortalece as mulheres que se posicionam e lutam por direitos, incluindo as questões de raça na luta feminista.

Partindo-se de entrevistas semiestruturadas com professoras universitárias negras, militantes do Grupo TEZ (Grupo Trabalho e Estudos Zumbi, de Mato Grosso do Sul), neste artigo, suas falas são analisadas. O TEZ é uma entidade sem fins lucrativos fundada no dia 18 de março de 1985. É o embrião de outros movimentos negros no estado de Mato Grosso do Sul. A ideia para o surgimento do grupo nasce por meio de uma palestra realizada por Fernando Gabeira. Alguns professores universitários da Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul e alguns acadêmicos do curso de Direito da Universidade Católica Dom Bosco se organizaram e deram origem ao Grupo. Os estudos e as formações ministradas já produziram vários militantes para lutar contra o racismo, incluindo as professoras negras entrevistadas. As entrevistas foram realizadas no decorrer de 2019, gravadas e transcritas na íntegra. As entrevistadas ressaltam a importância da militância, enfatizam a luta que as mulheres negras travam no espaço universitário e apontam alguns aspectos de racismo que elas enfrentaram em suas trajetórias e ainda enfrentam.

Para garantir o anonimato, as professoras receberam pseudônimos. Como forma de homenagear as intelectuais negras, as professoras receberam o primeiro nome de intelectuais negras - mulheres que lutam, resistem e existem, tendo deixado seus legados na militância negra brasileira ao promoverem rupturas na colonialidade mediante uma educação antirracista. São elas: Professora Lélia, em homenagem a Lélia González; Professora bell, em homenagem a bell hooks; Professora Jurema, em homenagem a Jurema Pinto Werneck; Professora Angela, em homenagem a Angela Yvanne Davis; e Professora Sueli, em homenagem a Sueli Carneiro.

## A IMPORTÂNCIA DA MILITÂNCIA DE INTELLECTUAIS NEGRAS

A militância das mulheres negras acompanha historicamente suas trajetórias de vida. Esta militância refere-se à luta por direitos humanitários que contemplem tanto o direito à educação, justiça e liberdade, quanto a promoção de igualdade racial. "Com isso, lutaram e lutam para garantir a subsistência, direitos sociais e políticos, e qualidade de vida para si, seus familiares e para a comunidade". (RIBEIRO, 2006, p. 804). A militância de mulheres negras, indo além da luta feminista branca, enfatiza outra luta - ela inclui questões raciais. O movimento feminista branco, infelizmente, não tem dado ênfase à questão racial:

O movimento de mulheres negras brasileiro colocou *raça* em evidência, revelando o racismo e as desigualdades raciais como determinantes no processo de opressão, discriminação e exclusão da população negra, de modo geral, e, em especial, das mulheres negras, quando o racismo vem articulado com o sexismo. (CARDOSO, 2014, p. 979).

Assim, as mulheres negras começam a fazer-se mais presentes na militância, posicionam-se como pessoas que lutam por seus direitos e estão na militância de

forma mais intensa. Apesar dessa luta, o feminismo branco tem tido dificuldade em reconhecer a dimensão racial. A "[...] atuação das mulheres negras obriga o movimento feminista branco e hegemônico a incluir *raça* em suas abordagens, mas, no entanto, a inclusão está longe de significar uma mudança epistêmica, pois *raça* continua sendo tratada tangencialmente". (CARDOSO, 2014, p. 979).

Porém, as mulheres negras, por meio de muita persistência, resistência e lutas, estão enegrecendo o movimento feminista, a ciência e a universidade, espaços que sempre foram ocupados por pessoas brancas: "Em linhas gerais, 'enegrecer o feminismo' significa articulá-lo com o racismo e buscar traçar o impacto das questões raciais sobre as relações de gênero". (FERNANDES, 2016, p. 704).

Estas mulheres negras cobram o seu direito de fala. "A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida". (RIBEIRO, 2019, p. 42). Estas reivindicações possibilitam muitas reflexões em torno da negação e do silenciamento das vozes negras. Mesmo com a negação histórica do direito de fala e escuta, do direito de enfatizar histórias vividas em espaços e realidades diferentes, as mulheres negras, organizadas em movimentos, não se dobras à lógica branca. Elas "mostram uma outra imagem contrária às formas de pensá [-las] como ignorantes, irracionais, sem leituras de mundo." (ARROYO, 2014, p. 225).

As mulheres de luta demonstram dedicação em tudo que fazem nos espaços onde transitam e promovem oportunidades outras de produção de conhecimentos, com destaque para as histórias e culturas da África e dos afro-brasileiros. Elas lutam pelo reconhecimento dessas histórias, pois sabem que a sua negação contribui para que a mulher negra sofra racismo e machismo. São consideradas incapazes por serem mulheres e por serem negras. Nesse sentido, "explicitamente, a agenda política das mulheres negras transcende as questões de gênero, abarcando o combate ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial". (RIBEIRO, 2006, p.804).

O status social é outro fator que demarca a exclusão das mulheres negras nos espaços de poder, ocupados pela cultura branca e, em uma grande maioria, por homens. O racismo é muito forte e desumaniza as pessoas. Ele deixa marcas e feridas dolorosas e abertas, de difícil cicatrização. Entre os vários posicionamentos de maldade e agressão, o mais cruel é o racismo articulado com

o sexismo. Como destaca Grosfoguel (2010), a epistemologia ocidental/colonial contribui com o racismo e o sexismo, pois, ao supor a existência de um sujeito universal, apaga e oculta o sujeito da fala, bem como o lugar político que o sujeito ocupa.

Ao quebrar a ligação entre o sujeito da enunciação e o lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de gênero, a filosofia e as ciências ocidentais conseguem gerar um mito sobre um conhecimento universal verdadeiro que encobre, isto é, que oculta não só aquele que fala como também o lugar epistêmico geopolítico e corporal das estruturas de poder/conhecimento colonial, a partir do qual o sujeito se pronuncia. (GROSFUGUEL, 2010, p. 459).

Essa cisão foi produzida no contexto da epistemologia moderna/colonial, mas mantém-se por meio da colonialidade (GROSFUGUEL, 2010). A epistemologia moderna/colonial afetou as mulheres negras, procurando torná-las inexistentes. Apesar dessa tentativa, que acabou por intensificar o racismo, as mulheres negras não foram caladas: organizaram-se e mostram cada vez mais a sua força, denunciando a sua dupla condição de subalternização:

A mulher negra, no Brasil, a partir de meados da década de 1980, passa a se organizar politicamente em função de sua condição específica do ser mulher e negra, por meio do combate aos estereótipos que a estigmatizam; por uma real inserção social; pelo questionamento das desigualdades existentes entre brancas e não brancas em nossa sociedade; e contra a cidadania de terceira categoria a que está relegada por concentrar em si a tríplice discriminação de classe, raça e gênero. (CARNEIRO, 2019, p. 167).

Ser mulher, negra e, geralmente, também pobre é um fator fortíssimo que colabora para que as mulheres negras tenham que lutar constantemente para ocupar espaços de poder, entre os quais, o espaço universitário. As mulheres negras têm uma história de luta e, muitas vezes, precisam lutar pela sobrevivência, desempenhando trabalhos insalubres, mesmo quando gestantes. Em suas trajetórias, carregam memórias e heranças ancestrais. Essas trajetórias não são bem vistas ou simplesmente são ignoradas pela ciência moderna/colonial. As mulheres negras construíram e constroem histórias de luta por direitos, por meio de uma militância tríplice:

Ser mulher negra se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição raça, sexo e classe, isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra,

recai sobre elas a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro, do movimento de mulheres e somar-se aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito à diversidade e justiça social. (CARNEIRO, 2019, p. 169).

Essas mulheres, nas últimas décadas, vêm ampliando os espaços de luta e chegam cada vez mais aos espaços universitários, buscando protagonismo na universidade. Porém, também nesses espaços, são vítimas de racismo e sexismo: “uma questão que não deixa margem para dúvidas é que o racismo, ao existir, torna-se um imperativo na construção da subjetividade destas mulheres, modificando completamente as formas de inserção e atuação na sociedade” (NUNES, 2017, p. 145). Essa luta nos espaços universitários com a participação ativa das mulheres negras transforma as mulheres, bem como o espaço universitário como um todo:

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. (CARNEIRO, 2019, p. 198).

Ao conviverem no espaço universitário, não aceitando as desigualdades presentes naquele contexto, as mulheres lutam contra a histórica invisibilidade e o silenciamento. Elas levam para esse contexto as lutas já travadas e as que estão em curso: “[...] mais que nunca o movimento feminista negro deve se organizar no sentido de captar lugares de fala para mulheres negras. [...] Também deve reconhecer os espaços já conquistados e aqueles que estão distantes dos cenários intelectuais e acadêmicos” (FERNANDES, 2016, p. 711).

A seguir, trazemos as falas de mulheres negras militantes do Grupo TEZ que estão lutando contra o racismo no contexto universitário e questionando a epistemologia moderna/colonial, pautada na falácia do sujeito universal (GROSFUGUEL, 2010). Esse sujeito universal (que, na verdade, é o sujeito masculino/branco/heterossexual) invisibiliza os outros sujeitos - no caso das mulheres negras, em razão de sua tríplice condição: mulher, negra e pobre. Apesar de reconhecer essa tríplice condição, nossa ênfase na análise será na questão racial.

## TRAJETÓRIA DE LUTA DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS NEGRAS

Tal como argumentamos, a professora Jurema mostra em sua fala como a questão de ser mulher e negra também se articula com a questão de classe: “Nós não recebemos a melhor educação. A nossa luta dentro da academia é dobrada”.

A fala desta professora possibilita refletir sobre muitos acontecimentos históricos. A história estereotipada e racista, reproduzida constantemente, contribui para que negros e negras não tenham acesso à educação de qualidade. Está no imaginário da sociedade e nas estruturas do Estado a ideia de que as mulheres (mais ainda se forem negras) são inferiores, incapazes de construir conhecimentos no meio acadêmico e científico.

Esse imaginário contribui para que ser negra e professora universitária ainda seja algo bastante incomum em nossa sociedade. No entanto, cada vez mais, essa presença pode ser evidenciada. Tal presença está sendo conquistada por meio da luta dos movimentos negros. Como salientamos na introdução, as mulheres negras que trazemos neste artigo são todas participantes do Grupo TEZ, de Mato Grosso do Sul. Conforme afirma Gomes (2017), o movimento negro é de suma relevância para a conquista dos direitos da população negra, questionando o racismo e dando um sentido emancipatório para o conceito de raça. Para a autora, ao “[...] trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante”. (GOMES, 2017, p. 21).

Por isto, as mulheres negras lutam e resistem, o tempo todo, ao racismo estruturado e perverso. São várias formas de resistências e lutas, mas a produção de conhecimentos pelas mulheres negras nas universidades tem sido muito importante para trazer novas análises e ênfases sobre as relações raciais no Brasil:

A presença destas intelectuais negras no espaço universitário e de poder, 'enriquece e problematiza as análises até então construídas sobre o negro e as relações raciais no Brasil, ameaça territórios historicamente demarcados dentro do campo das ciências sociais e humanas, traz elementos novos de análise e novas disputas nos espaços de poder acadêmico. (GOMES, 2010, p. 496).

Na verdade, a intelectualidade negra sempre existiu, mas também foi sempre negada, invisibilizada, ou seja, considerada não válida no meio acadêmico, pois a ciência praticada geralmente foi/é colonial/ocidental. Costuma ser considerado conhecimento válido somente o conhecimento produzido dentro dessa lógica, deslegitimando-se os conhecimentos provenientes de outras lógicas. Vale dizer que a luta do movimento negro, com destaque para as mulheres negras, tem sido a de “[...] reconhecer negras e negros como sujeitos e seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectiva e interpretação” (GOMES, 2018, p. 235).

Conforme Gomes (2018), a intelectualidade negra, aos poucos, vai se fazendo presente nos espaços universitários, levando consigo outros conhecimentos, antes negados e silenciados. Conhecimentos científicos, sim, mas produzidos fora da epistemologia moderna/colonial, que, como defende Grosfoguel (2010), ignora as características culturais, raciais e de gênero, fazendo-nos crer que há um sujeito universal capaz de falar em nome de todos e todas. Intelectuais negros e negras são “[...] outro tipo de intelectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sociorraciais e suas vivências”. (GOMES, 2010, p. 495).

Se, por um lado, observa-se o aumento da presença da intelectualidade de mulheres negras nos espaços universitários e no mundo científico, por outro, percebe-se também uma tensão cada vez maior entre os conhecimentos produzidos pela sua presença e os produzidos dentro da lógica hegemônica: “a epistemologia que conferiu à ciência a exclusividade do conhecimento válido traduziu-se num vasto aparato institucional [...] e foi ele que tornou mais difícil ou mesmo impossível o diálogo entre a ciência e os outros saberes”. (SANTOS; MENESES, 2010, p. 17). Tendo a ciência a exclusividade de produzir conhecimentos válidos, o confronto oriundo da presença das mulheres negras evidencia outros saberes, que começam a fazer-se presentes por meio de muita pressão e luta. Inspirados em Bhabha (1998, p. 165), podemos dizer que se trata de uma estratégia que faz com que “[...] saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento”. (BHABHA, 1998, p. 165).

Nota-se, assim, o desafio que as mulheres negras têm enfrentado na produção da ciência, pois produzem e trazem consigo, pelo meio acadêmico e



científico, conhecimentos outros, conhecimentos negados e silenciados que continuam, quase sempre, sendo vistos com desconfiança pela ciência hegemônica. Porém, ter mulheres negras no mundo da pesquisa rompe barreiras e ressignifica e desestabiliza a epistemologia hegemônica.

Entrevistar as mulheres negras e intelectuais, ouvir suas falas sobre suas trajetórias de luta, foi um aprendizado marcado por constantes momentos de emoção e vitalidade. Suas falas mostram o quanto tiveram e ainda têm que lutar para ocuparem espaços considerados de poder que antes eram ocupados somente por pessoas brancas. Ser professora negra requer luta constante para romper com as concepções hegemônicas.

As professoras entrevistadas enfatizam que a universidade ainda é um espaço marcado pela exclusão. A professora bell disse: "Outra coisa é como as pessoas veem a professora negra, eu falo, tentei até fazer uma memória das coisas que estavam acontecendo, até parei, mas são fatores pontuais que vão te mostrando um pouco". Na fala desta professora, observa-se que são tantos aspectos vivenciados no dia a dia que lembram experiências de discriminação e racismo, que ela não consegue fazer uma memória de todas as situações, ou seja, elas são recorrentes.

Outra professora retrata que há uma constante vigilância na universidade em relação ao trabalho das professoras negras. O que uma professora negra faz toma proporções diferentes do que a prática das professoras não negras, como, por exemplo, enganar-se na escrita ou falar uma determinada coisa com ênfase acaba sendo visto como desequilíbrio ou incapacidade:

Para nós, por mais excelência que a gente tenha, equilíbrio, conhecimentos, leitura, trato nas relações, pesa o fato de ser professora negra. Uma professora branca acaba com o aluno e não acontece nada, mas se você alterar a voz, ainda mais eu, que tenho este vozeirão, alterar a voz mais um pouquinho, você que é desequilibrada, sem educação e tudo mais. Então, a gente tem que cuidar destas coisas, cuidar da conduta, cuidar do conhecimento, olhar com quem você está tratando, tratar as pessoas com equidade e também não fazer papel de besta, porque tem gente que vem te chantagear por conta das bandeiras de lutas e do ativismo que você tem. (Professora Ângela).

A chegada dessas mulheres negras à universidade como professoras desestabiliza as pessoas que sempre se sentiram confortáveis e seguras por não

precisarem conviver com a diferença racial; esta era quase inexistente naquele espaço, quase exclusivamente branco, sobretudo, os espaços de poder. Estar no espaço universitário foi uma das principais lutas e conquistas dessas mulheres:

A gente vem de um movimento de muitas bandeiras. Dentre estas bandeiras, nós queremos que o negro esteja dentro da universidade, seja um negro professor, ou seja um negro acadêmico. Esta interlocução tem que ser feita no sentido de respeitar até mesmo a política que está sendo implantada; então, é uma luta. (Professora Lélia).

Ao entrarem nas universidades como docentes, as mulheres negras ocupam espaços não só de ensino, mas também de produção do conhecimento. Isso se dá, sobretudo, pela entrada como docentes nos cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado e Doutorado. A professora Sueli mostra como essa presença, além de ser importante para elas e para todas as mulheres, acaba contribuindo com toda a população negra:

Na verdade, este nosso processo de formação, ele não é a formação nossa, de mulheres negras, de pesquisadoras negras, não é um simples processo de formação intelectual. [...] O impacto deste processo de formação é bem maior, é bem mais significativo, é bem mais ressignificativo, é para a população negra, para os negros e negras que chegam até a universidade em um curso de um Programa de Pós-graduação.

Portanto, a luta favorece todos e todas. O posicionamento demonstra o quanto a resistência, acompanhada de luta no espaço universitário, é de grande importância para a luta antirracista. As mulheres negras, ao ocuparem espaços de produção de conhecimento nas universidades, vão fazendo circular outros conhecimentos, fora da lógica colonial.

Ainda sobre a presença das mulheres negras na universidade, ela contribui para que a pauta das relações étnico-raciais esteja efetivamente presente. Todas as professoras negras enfatizaram que a universidade ainda tem a tendência de negar a discussão das relações étnico-raciais. Como diz a professora Lélia:

As pessoas precisam ser vistas dentro da universidade, porque, mesmo a gente estando dentro da universidade, muitas vezes, a pauta das relações étnico-raciais é totalmente ignorada, e a luta dentro da universidade é outra luta, também no sentido de realinhar a política educacional dentro da universidade.

A luta das mulheres negras, como se vê, não acaba com a sua inserção como professoras. Suas trajetórias precisam ser visibilizadas e respeitadas. Sua presença tem contribuído, nos últimos anos, para cobrar a aplicação das políticas e, no caso da população negra, das políticas de ações afirmativas. Assim, percebe-se que, para as professoras negras, há uma continuidade na luta e militância exercida no Grupo TEZ:

Se eu não tivesse vindo de uma militância, acho que não teria esta sensibilidade dentro da universidade, de estar discutindo e debatendo, levantando discussões [...], isso vem da nossa militância [...] e a academia quer saber de ser científica, quer saber se você escreve bem um texto científico, se você tem boa argumentação. Claro que é importante, mas ela não quer saber o que está acontecendo ali, muro afora, não quer saber, é uma indiferença. (Professora Jurema).

A sensibilidade para essas discussões é de extrema importância, principalmente quando se trata de um espaço que prioriza o saber científico ocidental/branco: "a atuação dos intelectuais negros se dá dentro da ciência, porém, articulada com as lutas sociais dos negros." (GOMES, 2010, p. 510). Os conhecimentos construídos pelas mulheres negras são importantes para modificar o próprio campo científico da educação:

A esperança está no aumento de militantes, de docentes/educadores nas escolas e nos movimentos populares que afirmam identidades positivas. Esse reconhecimento é a exigência radical que vem dos movimentos sociais para que as teorias pedagógicas sejam outras. (ARROYO, 2014, p. 129).

No que se refere ao reconhecimento do conhecimento produzido pelas mulheres negras, a professora Ângela ressaltou que estava sofrendo muito dentro da universidade, pois suas produções não são lidas e aceitas por alguns colegas, ao passo que os trabalhos das colegas de cor branca são considerados válidos e importantes, mesmo sem que tenham sido lidos. As considerações da professora reforçam o quanto os conhecimentos e as produções das mulheres negras são ainda ignorados no ambiente universitário. Uma mulher negra ser produtora de conhecimento em um ambiente ainda hegemonicamente branco só está se tornando possível graças à militância e à resistência:

Esse grupo de intelectuais negros que hoje produz conhecimento sobre as relações raciais na universidade possui trajetórias e filiações diversas. Possuem origens socioeconômicas diferentes, embora a maioria seja oriunda de experiência de pobreza, fazem

escolhas políticas, partidárias diversas, porém, têm algo em comum: o Movimento Negro pode ser considerado seu principal lugar de aprendizagem embora não seja necessariamente o seu espaço originário de atuação política. (GOMES, 2010, p. 432).

As professoras negras têm consciência dos embates que enfrentam na universidade e fora dela, e conduzem seus trabalhos articulados com conhecimentos que não surgiram na universidade, mas no movimento negro (Grupo TEZ), o que suscita outro olhar para a universidade e para a produção do conhecimento. Porém, isso não tem sido uma tarefa fácil. As professoras negras deparam-se com atitudes racistas na universidade. Algumas famílias posicionam-se de forma racista, não acreditando na capacidade de uma professora negra. Como relata a professora Lélia: “Muitas vezes, os pais não te consideram professora por ser negra, isto você percebe, fica muito evidente. [...] Só depois que você mostra muito resultado, reconhecem você como uma pessoa competente”. Essa professora mostra, ainda, que isso também aconteceu em outro contexto educativo:

Quando eu ocupava cargo de diretora, de superintendência dentro da Secretaria de Estado de Educação, eu observava muito os olhares dos diretores de escola. Eu trabalhava com muito diretor, então, você via muito claro e evidente um olhar de desapontamento, bem nítido, o olhar de desapontamento de cada professor, de cada diretor, um olhar preconceituoso. Eles olhavam, nossa! É você?

Isso mostra a presença de estereótipos construídos no período colonial, que se mantêm pela colonialidade – no caso, o estereótipo do negro incompetente, que acaba também por produzir a ideia de que não deve ocupar espaços de poder. Ser uma mulher negra ocupando espaço de poder requer muita resistência diante das práticas racistas existentes nos espaços institucionalizados. Quando a negra ou negro assume funções de poder, gera dúvida e incerteza por parte dos brancos.

A professora bell narra um acontecimento que mostra isso: "No dia em que estou no Gabinete, aparece uma professora e pergunta: ‘A sala da professora fulana, onde é?’ Eu falo: ‘É do lado’. Estava querendo dizer: ‘quem é você aí, nesta sala de professor’, sabe? E fica insistindo, fica fazendo perguntas que você já sabe logo". A professora descreveu ainda outras situações de racismo que enfrenta na universidade:

Eu fui para Camarões, a primeira vez, super feliz, a primeira vez que eu piso no continente africano, e um colega perguntou para outra professora, que sempre viaja para a Austrália, para a França: “Você que foi para Camarões?” E ela responde: “Não, quem gosta de lugar exótico é a professora bell”. Aí eu: “Qual é o lugar exótico?” Ela se desconcertou toda. O professor, no meio da reunião: “Ah, porque é quase o samba do crioulo doido”. (Professora bell).

O racismo está tão impregnado nas pessoas em decorrência da colonialidade que as constituiu, que o fato de um país ser do continente africano gera um posicionamento racista, repetindo-se um estereótipo comum em relação aos países africanos: o de que são atrasados e inferiores aos países europeus. Como diz a professora, embora possam parecer coisas sem importância, só pensa assim quem não passa recorrentemente por essas situações, especialmente quando tem que provar sempre sua capacidade, ou seja, para os brancos, é fácil dizer que isso não é relevante:

Então, estas coisas, que parecem pequenas, e nenhum professor branco tem que lidar com isto, a gente tem que lidar, e você o tempo todo tem que provar para você mesma que é competente, que você está ali porque merece aquele lugar, porque você é tão competente quanto o seu colega. (Professora bell).

O que a professora aponta vem ao encontro de outras pesquisas realizadas nesse contexto: “Resistência e combate ao racismo têm sido uma constante dos setores negativamente discriminados da sociedade. [...] Uma das frentes de combate é a autodenominada academia, isto é, o espaço de conhecimento científico de nível superior”. (CONCEIÇÃO, 2017, p. 20). Como afirma a professora Jurema, a professora negra, ao circular pela universidade, não é vista como professora e pesquisadora:

Primeiro, que nós, negras, temos que mostrar que somos boas mesmo, porque ninguém te encara como uma pesquisadora. Acha que você é a faxineira da universidade, tem que estar provando que você sabe, que você é capaz o tempo inteiro. [...] é muito mais pesado para nós, negras, dentro da universidade. (Professora Jurema).

Como argumentamos ao longo deste artigo, essa forma de ver a professora negra na universidade deve-se à história colonial, mantida por meio da colonialidade, que recorre à classificação racial para (des)qualificar pessoas e grupos culturais. Entretanto, ela está sendo desconstruída, graças à luta e à

resistência das mulheres negras, o que, como vimos, é algo cotidiano e ocorre também de forma efetiva no espaço universitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade não foi pensada para atender a população negra, tampouco para ter mulheres negras em seu corpo docente. O racismo é muito explícito nesse espaço ainda hoje e faz parte de sua estrutura. As professoras negras na universidade resistem e lutam não só para que não haja racismo, mas também para produzir outros conhecimentos, para contar outra história do Brasil, fora do mito da democracia racial.

Essas professoras, porque fortalecidas pelo movimento negro, levam para o interior da universidade a experiência de luta e resistência, produzindo conhecimentos decoloniais e contribuindo para desconstruir a colonialidade. Nesse sentido, a presença de mais professoras negras aumenta a força do próprio movimento negro na universidade e fora dela. O conhecimento produzido por essas mulheres, aos poucos, começa a impactar as discussões nos espaços educacionais, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

Enfim, como salientado no decorrer do artigo, as professoras negras sofrem uma tríplice discriminação na universidade: são mulheres, negras e geralmente provêm de famílias pobres. Porém, tríplices são também a resistência e a luta. Elas vão transformando o espaço da universidade, reconhecendo que “desprezar a variável racial na temática de gênero é deixar de aprofundar a compreensão de fatores culturais racistas e preconceituosos determinantes nas violações dos direitos humanos das mulheres no Brasil”. (CARNEIRO, 2019, p. 165).

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 665-986, set./dez. 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CONCEIÇÃO, Fernando. O negro na academia brasileira - o sujeito insurgente. In: JESUS, Danila; CONCEIÇÃO, Fernando; MARQUES, M. Margarida

(Orgs). **Racistas são os outros**: contribuição ao debate lusotropicalista em África, Brasil e Portugal. Salvador: Afirma-se, 2017. p. 18-34.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

FERNANDES, Danubia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. **Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 691-713, set./dez. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492 - 516.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 223-246.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

NUNES, Mighian Danae Ferreira. **História de Ébano**: Professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo. Curitiba: CRV, 2017.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

RIBEIRO, Matilde. O feminismo em novas rotas e visões. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 801-811, set./dez. 2006.



RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala:** feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologia do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 15 - 2.

*Recebido em 13 de maio de 2021.*

*Aprovado em 15 de agosto de 2021.*